



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADEMICA
DEPARATAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELAINE CRISTINA ARRUDA GOUVEIA

**ARQUIVO: TRATAMENTO E USO, A FOTOGRAFIA COMO FONTE
ARQUIVÍSTICA**

Campina Grande – PB

2014

Elaine Cristina Arruda Gouveia

**ARQUIVO: TRATAMENTO E USO, A FOTOGRAFIA COMO FONTE
ARQUIVÍSTICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
História.**

Orientador (a) Matusalém Alves de Oliveira

CAMPINA GRANDE - Pb

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G719a Gouveia, Elaine Cristina Arruda.
Arquivo [manuscrito] : tratamento e uso, a fotografia como
fonte arquivística / Elaine Cristina Arruda Gouveia. - 2014.
19 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Matusalém Alves Oliveira,
Departamento de História".

1. Arquivo. 2. Memória. 3. História. 4. Fotografia. I. Título.
21. ed. CDD 025

ELAINE CRISTINA ARRUDA GOUVEIA

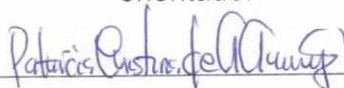
ARQUIVO: TRATAMENTO E USO, A FOTOGRAFIA COMO FONTE
ARQUIVÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação **em Licenciatura
Plena em História** da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em História.

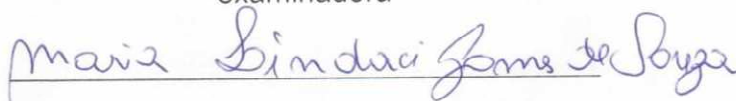
Aprovada em: 29/07/2014



Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira
orientador



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Araújo Aragão
examinadora



Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Sousa
examinadora

ARQUIVO: TRATAMENTO E USO, A FOTOGRAFIA COMO FONTE ARQUIVÍSTICA

Gouveia, Elaine Cristina Arruda¹

Este artigo tem a finalidade de mostrar como foi organizado o curso de extensão “Arquivo fotográfico” promovido pela Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2011, do qual fui assistente de coordenação. Neste curso foi ministrado aos alunos, os segmentos de como conhecer, planejar, organizar e manter o arquivo de acordo com as necessidades da instituição e do público que irá se servir dos documentos que ali foram tratados e arquivados. A preparação de futuros pesquisadores é necessária, para que não haja um mau uso dos documentos, para que não venham se desgastar devido a falta de preparação dos pesquisadores. No decorrer do curso de extensão utilizamos como referencial teórico Bertoletti (2002); Mustardo (2001), e Burke (2004). É de nossa preocupação disseminar a importância da preservação e manutenção dos arquivos, pois são grandes fontes de conhecimento histórico.

Palavras-chave: Arquivo, História e Memória, Fotografia

¹ Graduanda em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); integrante do curso de extensão em arquivo fotográfico.
ellainnecriss@gmail.com

A PRÁTICA ARQUIVÍSTICA: ARQUIVO, REVOLUÇÃO FRANCESA E BRASIL

Podemos imaginar que os arquivos só são compostos por papeis, fotografias dentre tantos outros documentos, no entanto pensamos o arquivo como “o conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, independente da natureza ou do suporte”, podemos dizer então que as pinturas rupestres, são um dos variados tipos de arquivos existentes ao longo da história. Não queremos dizer que o homem pré-histórico tinha esta concepção arquivística, mas a preocupação de disseminação do conhecimento obtido naquela região onde residia, e registrar momentos comemorativos, como por exemplo, o grande êxito obtido durante o período de caça.

Segundo Santos (2010) os arquivos surgiram a partir da necessidade do homem armazenar os registros produzidos ao longo da existência de pessoas ou instituições, mesmo não tendo as mesmas técnicas utilizadas nos dias atuais, mas percebemos o cuidado na preservação do documento, surgindo assim os ditos arquivos “não planejados”, mas tendo o mesmo princípio dos atuais, a perpetuação do conteúdo contido no documento.

Santos (2010) nos mostra que a origem do arquivo se deu a partir da descoberta da escrita, onde foram confeccionados os primeiros documentos. Esta que foi dando os seus primeiros passos na antiguidade, onde os primeiros relatos foram registrados na escrita cuneiforme nas tábuas de argila, e logo em seguida em papiros, couro de animais, até chegar no conhecido papel o qual usamos até os dias atuais. Percebemos as variações de suporte documental ao longo tempo. Para Santo (2010) foi um momento de grande ascensão arquivística. Os documentos produzidos neste período, como os dos dias atuais, eram usados para registrar desde compras realizadas até leis de Estado.

A organização arquivística pode atribuir aos romanos, pois foi na Roma antiga que foram formadas as primeiras noções arquivísticas que são usadas até os dias atuais, com magistrados formados para organização e conservação dos documentos.

Na idade média percebemos, a partir de Santos (2010) que a arquivística não teve muito avanço devido a intervenção da igreja católica, tendo os arquivos em seu domínio, podendo assim, usar esses documentos para ter algum tipo de vantagem referente a questões de negociação com o Estado, ou até mesmo pessoas. Na

idade moderna segundo o autor os arquivos resurgiram juntamente com os ideais iluministas, de propagação do conhecimento, para que toda intervenção da igreja para a detenção do conhecimento fosse execrada, e que agora fosse realizado um intercambio intelectual.

E neste momento podemos dizer que o arquivo, ou melhor, a arquivística teve seu grande apogeu na idade contemporânea, pois foi neste período que a arquivística ganha um grande aliado que é a tecnologia, e a consciência de preservação documental, para que ela sirva de evidencia histórica para futuros estudos sobre a época a qual o pesquisador se propõe estudar.

E este grande momento da arquivística segundo Santos (2010) teve início durante a revolução francesa, onde surgiu a preocupação da conservação do documento quanto registro para estudo, e testemunho para as gerações futuras. Após revolução houve um impasse entre radicais e conservadores da revolução, pois para os radicais, a história e evidencias que faziam referência a França antes da revolução deveriam ser destruídas, estas lembranças de nada valiam, uma vez que, o antigo regime “não contribuiu” para o avanço da sociedade francesa. Mas já os conservadores olharam estes documentos em outra perspectiva, pensaram que estes detinham informações que iriam contar a história da França, e da própria revolução francesa em suas várias nuances para as próximas gerações.

A partir deste pensamento conservador surge a ideia de organizar e conservar os documentos em um arquivo, e assim surge o primeiro arquivo nacional do mundo “Archive Nationale de Paris”. E com esta atitude de salve guarda dos documentos, surge o reconhecimento da responsabilidade do Estado para com documentos de cunho histórico, o acesso público aos arquivos, e a criação de uma administração nacional e independente dos arquivos segundo Santos (2010). E neste mesmo período foi criado um manual conhecido como “Handleiding Voor Het Ordenen en Beschridven Van Archiven”, este que foi criado por dois holandeses o Feith e R. Samuel Muller, Johan Adrian Fruin. Neste manual segundo o autor, contem orientações, princípios, conceitos, procedimentos e arranjos.

No Brasil o arquivo foi criado no ano de 1838, de nome “Arquivo Público do Império”, este era voltado para a preservação de documentos criados pela família imperial do Brasil. No ano de 1893 o arquivo passa a ser chamado de “Arquivo Público Nacional”, e só no ano de 1911 passou a ser chamado de “Arquivo Nacional”. Nele pode ser encontrados documentos como os da inconfidência

mineira, filmes produzidos pelo serviço nacional do governo federal entre tantos outros. Mas no Brasil os arquivos ainda são esquecidos, muitos documentos de grande importância histórica são perdidos ao longo do tempo, por não ter tido um tratamento adequado para sua conservação.

No século XX o arquivo ganhou uma grande aliada, a tecnologia, esta que chega trazendo grandes novidades, inclusive com novos suportes, como o filme e a fotografia, a partir daí irá surgir novos questionamentos de como organizar e principalmente descobrir a forma mais eficaz de conservar estes suportes. E este artigo tem este objetivo, o de “redescobrir” para as pessoas como organizar e conservar um arquivo fotográfico.

MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA

A preservação da memória é essencial para continuidade da formação de uma sociedade, tendo em vista que esta memória não serve para a estagnação na inalterabilidade, e sim para o desenvolvimento com coerência e linearidade nas bases fundadoras das instituições, que assim se comprometem em preservar e mostrar para as gerações futuras, a importância que cada evento passado teve para a sua formação.

Eventos que marcaram e contribuíram para a formação da identidade da instituição, e partir do resgate desta memória, fazer com que as pessoas percebam a importância de cada movimento levantado pela instituição, e que seja compreendido e firmado de acordo com seus criadores ao longo do tempo.

Tendo em vista que quando se fala de memória institucional, falamos de uma memória coletiva, a qual não se resume em datas, nomes, mas também a experiências e correntes de pensamentos que influenciaram o passado de uma forma geral.

A memória segundo Le Goff, é constituída a partir de uma organização mental, a qual nos permite traçar uma linha de pensamento até a determinada lembrança para que ela seja rememorada.

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais

o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada.” (Le Goff, 1990. p. 366)

A memória pode partir de um único indivíduo, neste caso estaríamos falando de memória individual, esta que na maioria das vezes só é exposto o que as pessoas nos permitem saber. Não muito diferente é a chamada memória coletiva, esta que pode ser formada a partir da oralidade, de documentos escritos, monumentos e fotografias que o nosso objeto de trabalho, dentre tantos outros suportes. A memória coletiva do mesmo modo que a individual, ela pode ser seletiva e exposta de forma que privilegie, grupos e fatos que sejam necessários naquele momento, fazendo com que esta lembrança desperte um sentimento identitário nas pessoas as quais são remetidas ao dito passado comum a todos.

..., nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. (Le Goff, 1990, p. 368)

Para que a memória coletiva seja compartilhada e entendida, é necessário um conhecimento prévio do que está sendo comemorado, para que qualquer vestígio, qualquer indicio mesmo que subentendido, não passe por despercebido, pois é a partir destes pequenos vestígios onde podemos encontrar o sentido real do que está sendo proposto na imagem, monumento ou qualquer outro tipo de memória.

Esta memória está ligada diretamente com a cultura, a qual remete os indivíduos à perpetuação da lembrança, para que ela não seja esquecida e sim interiorizada, sempre que necessário iremos a nossos arquivos e encontraremos fatos que irá nos ajudar a tomar decisões, ou aceitar determinadas situações, pois estas podem estar justificadas nas lembranças existentes em nossa memória, mesmo tais lembranças estejam quase que esquecidas. “Aqui, encontrar é reencontrar, e reencontrar é reconhecer, e reconhecer é provar, logo, julgar que a coisa reencontrada é exatamente a mesma coisa que a coisa buscada e, portanto posteriormente considerada como esquecida” (Riccœur, 2007, p. 110).

Podemos pensar a memória, não só como um caminho para a nostalgia, mas também como formadora de identidades, podendo ou não através dela levar um

“ser” ou uma nação, a sua ascensão ou declínio. Tendo em vista que a manipulação desta memória que segundo Le Goff (1990), quando se trata de unificar e criar um sentimento de unidade, a memória coletiva é lembrada de forma parcial e que atenda aos interesses dos que estão no poder.

FOTOGRAFIA

A preservação da memória, a cada dia se torna mais imprescindível, pois no momento em que vivemos o imediatismo da sociedade, nos priva de lembrar e rememorar, fatos que contribuíram para a nossa formação.

A imagem faz parte do nosso cotidiano, como já sabemos, ela pode estar presente na TV, jornais, revistas entre outras infinidades de fontes. A imagem por sua vez, vem carregada de intencionalidades, seja ela para nos vender algo, ou fazer com que acreditemos com mais convicção nas realidades que nos são impostas. A partir de Peter Burke, iremos ver como melhor enxergar estas imagens que na maioria das vezes são manipuladas forjando assim uma verdade irreal.

A fotografia como todos nós sabemos, são cheias de intencionalidades, mas esta não deixa de ser um grande documento histórico. A fotografia passa da reprodutora de momentos históricos, para ser a “própria história”, na qual são encontrados vários indícios do seu tempo, ou de sua década na qual foi reproduzida. “Por isso mesmo argumentou-se que fotografias nunca são evidência da história: elas próprias são a história” (Burk, 2004, p. 28).

Os fotógrafos da época em que foi produzida a imagem, podem até tentar esconder posição social, forjar uma verdade momentânea do modelo, para que naquele momento ilusório seja passado para as pessoas que irão ver a foto, uma figura mais agradável de observar. “as fotos não mentem, mas mentirosos podem fotografar”. Estes fotógrafos, não contribuíram explicitamente para o trabalho do historiador, mas implicitamente, pois o pesquisador, analisando a fotografia, levando em consideração todas as características contidas nela, terá um grande diálogo entre a fotografia e o período fotografado.

Segundo Burk, as fotografias podem trazer, além da imagem principal, mas também pode mostrar outros planos, estes que vistos e analisados de forma correta pode ajudar, a um historiador a verificar como era feita a organização de vilas, lavouras, espaços de relações em sociedade, ou até mesmo posições de edificações referente a sua posição social. Ter este olhar além da imagem, pode nos abrir um

leque de possibilidades e vivencia do período fotografado. “..., a evidência de fotografias é de grande utilidade se você souber como interrogá-la” (ibid, p. 30)

Mas neste caso, como já foi dito anteriormente, não é possível ter as fotografias, como uma reprodução fiel da imagem, um espelho. As manipulações fotográficas eram realizadas de acordo com a visão do fotografo, pois este era quem planejava o cenário e até mesmo os gestos que os modelos teriam de realizar para que a foto causasse o efeito esperado.

A fotografia tirada em décadas anteriores, apesar de muito esmiuçada e analisada por historiadores não foram feitas para este propósito. Com um olhar clínico, pode ser feito grandes relatos destas imagens, estas que só queriam servir para lembrar, fatos ou pessoas em situações favoráveis para si.

ARQUIVO E PESQUISA

Os arquivos tem a função de recolher e guardar os documentos que foram criados para qualquer eventualidade administrativa. E durante todo este processo de armazenamento segundo Bellotto, os documentos passam por três idades. E dentro deste período o documento passa da função administrativa para ter um valor histórico.

Sendo a função primordial dos arquivos permanentes recolher e tratar os documentos públicos após o cumprimento das razões que elas quais foram gerados, são aqueles os responsáveis pela passagem destes documentos da sua condição de 'arsenal da administração' para a de 'celeiro da história' Bellotto 1991, p. 5

Os arquivos como uso corrente, tem a função de recolher e guardar os documentos que foram criados para qualquer eventualidade administrativa de diversas instituições, sejam elas públicas ou privadas. Durante este processo de armazenamento segundo Bellotto, os documentos passam pelas chamadas teoria das três idades. E dentro deste período o documento passa da função administrativa para ter um valor histórico enquanto patrimônio.

Sendo a função primordial dos arquivos permanentes recolher e tratar os documentos públicos após o cumprimento das razões que elas quais foram gerados, são aqueles os responsáveis pela passagem destes documentos

Este processo de documento administrativo para o histórico, pode ser compreendido a partir das três idades que são elas: primeiro a dos arquivos correntes; segundo dos intermediários; e terceiro os permanentes. Na primeira fase o arquivo está em seu uso administrativo, onde eles são usados frequentemente para solucionar ou não possíveis situações. A utilização e para que foi criado o documento é que vai definir o período que ele irá permanecer nesta fase, podendo permanecer em um arquivo central onde foi criado por um período entre cinco a dez anos.

A segunda fase chamada de intermediária, denominados os documentos que já passaram por seu período administrativo, eles serão recolhidos em um arquivo que terá documentos de órgãos diferentes, sem que sejam "misturados ou confundidos", por um prazo de vinte anos. Nesta fase os documentos só poderão ser examinados com licenças expedidas pelo local onde se encontram. Dentro deste período terá uma comissão formada por pessoas de diversas áreas do conhecimento, para analisar os documentos, levando em consideração as normas da legislação vigente, e as normas internas das instituições ao quais os documentos pertencem e também avaliando sua relevância o qual foi criado, para ter respaldo para poder eliminar papéis que são tidos como não importantes. E para classificar os documentos permanentes, estes que servirão para análises históricas.

"Assim, um arquivo permanente não se constrói por acaso. Não cabe apenas esperar que lhe sejam envidas amostragens aleatórias. A história não se faz com documentos que nasceram para ser históricos, com documentos que só informem sobre o ponto inicial ou ponto final de algum ato administrativo decisivo. A história se faz com uma infinidade de papéis cotidianos, inclusive com os do dia-a-dia administrativo, ademais de fontes não governamentais."(Bellotto, 1991, p. 8)

A terceira idade ou arquivos permanentes, é composto por documentos de vinte e cinco ou trinta anos, que já cumpriram com o seu dever administrativo, e que passa a ter informações históricas. Este arquivo é um grande celeiro de informações e testemunhos para os pesquisadores. O arquivo permanente cumprirá sua função a partir do momento em que os pesquisadores e transformar essas informações em conhecimento de forma mais simplificada para a sociedade.

Por isso que o curso de extensão em organização de arquivo fotográfico, foi de suma importância para os alunos da universidade, tendo em vista que a maioria dos participantes foram do curso de licenciatura em história, e o contato com este tipo de documento é praticamente inevitável. O conhecimento de preservação do documento se torna neste momento tão importante quanto o do saber pesquisar. Segundo Barcellar 2005, se torna fundamental um curso de noções básicas em arquivos dentro da grade curricular dos cursos de história, para que o aluno que está iniciando sua atividade de pesquisador, e para que auxilie “o aluno na tomada de decisões e no entendimento do processo de construção do saber histórico” (Bacellar, In. “fontes históricas” 2005, p. 24).

O curso foi ministrado pelas coordenadoras responsáveis e também por seus alunos assistentes, as aulas aconteceram no antigo Centro de Educação – CEDUC I, situado no bairro Catolé na cidade de Campina Grande.

O curso visava mostrar aos alunos, como organizar e higienizar superficialmente um arquivo fotográfico. Durante o curso foram dados conhecimentos referente a fotografia. Onde foram abordadas desde os primeiros registros de reprodução da imagem, passando embora que superficialmente por sua composição química, até as formas atuais digitalizadas, reproduzidas em mega bits.

As aulas teóricas consistiram, em explanar as etapas para a organização de um arquivo fotográfico. Dentre as quais temos: **características do acervo**, onde a pessoa que vai organizar, deve fazer um levantamento do material do acervo, e qual método será utilizado para a organização e preservação do mesmo. **Organização do acervo**, este processo constitui em: quantificação do acervo por meio de contagem das fotos; identificação de títulos relacionados a instituição, levantamento das espécies documentais distinguindo-os, levantamento da cromia de cada foto; medição de cada unidade fotográfica e levantamento de datas das peças ou conjuntos fotográficos. **Organização Intelectual**, esta consiste na separação dos grupos, subgrupos e dossiê. **Organização física**, consiste em ter referencias a climatização do ambiente, mobiliário adequado e materiais de que serão necessário para compor o arquivo.

Alunos a prenderam passo a passo a dinâmica da higienização superficial das fotografias:

1.Quais materiais devem ser utilizados, para fazer a higienização superficial das fotografias



2. Uso de luvas brancas de algodão para manuseio das imagens fotográficas no momento da higienização; no nosso caso foram utilizadas luvas de vinil, não é a mais adequada, mas protege as fotografias contra o suor e marcas que podem ser deixadas pelas mãos.



3. Uso de flanelas macias para limpeza de digitais;
Uso de pincéis com cerdas macias para remoção da poeira

A higienização utilizando pincéis e flanela deve ser feitas com movimentos retos e leves, jogando a sujeira para o lado oposto ao que a pessoa que está higienizando se encontra;



Remoção de objetos oxidáveis (clips, grampos, etc);



Remoção de fitas adesivas (quando for possível a remoção sem prejuízo à integridade física da imagem);



Não deve ser utilizado nenhum solvente para remoção de fitas adesivas, manchas ou sujeiras sem orientação de um especialista em conservação/preservação. Após a higienização, as imagens devem ser acondicionadas em seus invólucros de proteção, neste caso fizemos envelopes com papel tipo manteiga, pois este é o papel menos alcalino e de baixo custo.

Após a etapa de higienização, o armazenamento dos documentos é de grande responsabilidade, tendo em vista que se trata de um arquivo histórico, ou seja, permanente pois tem de ter as condições adequadas para a preservação dos documentos, e assim não causando mais danos aos documentos. E para isto deve ser levada em consideração a umidade relativa, temperatura, limpeza e luminosidade.

Para que o arquivo se mantenha organizado e preservado, é preferível que se digitalize os documentos que permitem a ação, desta maneira o usuário que não possui informações básicas de estudo em arquivo irá fazer sua pesquisa sem causar danos aos documentos.

Não sendo possível a digitalização, são necessários alguns cuidados no momento da pesquisa, como: Lavar as mãos com água e sabão antes de acessar a documentação; Enxugar bem as mãos antes de pegar no material fotográfico; Não retire as imagens dos seus invólucros (jaquetas transparentes); Pesquise um dossiê de cada vez; Não misture as imagens de um dossiê com as de outro; Ao retirar uma imagem de uma determinada pasta, marque o local com uma guia-fora para posterior devolução e anote, no verso da imagem, com lápis 6-hb, o endereço de sua localização física (endereço especificado na parte externa da pasta suspensa); Não escreva, cole etiquetas ou utilize grampos/clips sobre as imagens fotográficas. Devolva a pasta para o mesmo arquivo e gaveta de onde a retirou.

Se o arquivo não for digitalizado e não havendo a disponibilidade de empréstimo dos documentos, o pesquisador pode realizar a digitalização, não será necessário retirá-las da jaqueta de poliéster. Caso seja necessário tira-las dos invólucros, o pesquisador deve sempre estar usando luvas braças de algodão, para evitar as marcas das digitais e o contato do suor das mãos.

Após espere período de instrução teórica, os alunos. Foram ministradas as aulas praticas. O alunos foram divididos em subgrupos, cada grupo possuía três alunos que receberam envelopes contendo fotos diversas. Nestas aulas em um primeiro momento toda a sala trabalhou em conjunto, para que os fundos e

subfundos fossem identificados, após este processo os subgrupos formados pelos os alunos passaram para a fase de formação dos dossiês, sempre procurando verificar o material que vai interessar ao público, pois organizar um arquivo tem de ser levado em conta o público que vai frequentar o arquivo, para que o material mais acessível esteja de fácil acesso, e logo após realizaram o processo de higienização das fotografias e armazenamento das fotografias, não pode ser em envelopos de poliéster devido a restrições no orçamento, mas substituímos por papel manteiga, pois este é o menos alcalino e de valor acessível.

Percebemos também que os alunos tomaram os devidos cuidado com a saúde, pois como já foi informado nem todo arquivo tem os devidos cuidados, por isso é necessário que o pesquisador faça uso de mascaras e tome muito liquido devido a grande quantidade de poeira e fungos que podem existir nos documentos.

Esta podemos dizer que foi a última etapa do curso, pois após todo trabalho de organização e higienização realizada. Tivemos a aula de encerramento, onde foi exposto de forma positiva todo trabalho realizado ao longo do curso. A partir desta exposição percebemos que a proposta foi bem assimilada pelos alunos participantes, podendo assim dizer que o curso foi concluído com êxito por todos que fizeram parte da equipe organizadora e os alunos inscritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma avaliação realizada pelos coordenadores e assistentes do curso de extensão, foi concluído que as atividades terminaram de forma positiva, onde todo conteúdo proposto foi passado para os alunos, e esta confirmação tivemos a partir das aulas práticas, onde os alunos mostraram tudo o que aprenderam.

O êxito que obtivemos durante todo o curso dar-se devido ao grande interesse dos novos pesquisadores que ali estavam aprendendo, assim como nós assistentes. Todos comprometidos em aprender a importância de preservar a memória e patrimônio² seja ele público ou privado.

Percebemos a necessidade deste conhecimento em noções arquivísticas, a partir do momento em que vamos fazer pesquisa nestes locais, que na maioria das vezes estão desordenados e nenhum cuidado, dificultando assim a pesquisa, mas é neste momento que se torna imprescindível o conhecimento do pesquisador em localizar as informações cabíveis para a pesquisa.

O curso cumpriu com o seu objetivo, que foi o de capacitar os alunos do curso de história, em noções básicas em organização e higienização de acervo fotográfico. Mas o curso também mostrou a importância do manuseio correto dos documentos, que na maioria das vezes já se encontram em estado de deterioração avançada ou até mesmo em estado de “vandalismo inconsciente”. Fazendo com que o aluno tome consciência de que outros pesquisadores também irão precisar do documento usado por ele.

Mas todo este esforço valerá a pena se o principal objetivo da preservação de arquivos for compreendido, que o de disseminar o conhecimento de forma acessível e coerente para a população. Pois a principal função do documento no nosso caso fotográfico é registrar um evento passado e contar a história vivenciada pra as gerações futuras.

² Segundo Funari, 2006. Patrimônio “Em primeiro lugar, o patrimônio é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Parte-se do pressuposto há valores comuns, compartilhados por todos, por todos, que se consubstanciam em coisas concretas. Em segundo lugar, aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar o que representa a nacionalidade.” Segundo Martins 2001, “ A noção de patrimônio não se refere apenas ao conjunto de bens de uma comunidade ou população, mas se estende a ponto de abranger todas as coisas que são consideradas valiosas por uma pessoa.

Abstract

This article aims to show how the extension course "Photo Library" was organized, promoted by the State University of Paraíba in 2011, which I was coordinator assistant. In this course was taught to the students, the segments of how to meet, plan, organize and maintain files, according to the needs of the institution and the public who will use the documents that have been processed and archived there. The preparation of future researchers is necessary, so there is no misuse of documents, which will not damage with the use and the lack of researchers knowledge. During the extension course it was used as a theoretical reference: Bertolotti (2002); Mustardo (2001) and Burke (2004). It is our concern to disseminate the importance of preserving and maintaining the files, because they are great sources of historical knowledge.

Keywords : Archive, history e memori, fotograf

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau dos arquivos. In: Fontes históricas/ Carla bassanezi pinsk (organizadora). – são Paulo: contexto 2005.

BELLOTTO, Heloisa liberali. DA ADMINISTRAÇÃO À HISTÓRIA: CICLO VITAL DOS DOCUMENTOS E FUNÇÃO ARQUIVÍSTICA. In. ARQUIVOS PERMANENTES: TRATAMENTO DOCUMENTAL. – são Paulo: T.A. Queiroz1991.

BERTOLETTI, Ester Caldas. Como Fazer programas de reprodução de documentos de arquivo. São Paulo; arquivo do estado da imprensa oficial do estado, 2002.

BURKE, Peter. Fotografias e Retratos; In. Testemunha Ocular: história e imagem/ tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP:EDUSC, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Patrimônio Histórico e cultural e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LE GOFF, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
Tradução de: Storia e memoria.

MARTINS, Maria Helena Pires, 1943- Preservando e Construindo a Identidade/ ilustrações Giroto, - São Paulo: Moderna 2001.

MUSTARDO, Peter. Preservação de fotografias: métodos básicos de salva guardar suas coleções; tradução de Olga de Souza Mader; revisão técnica Francisco de Castro Azevedo. Ana Virginia Pinheiro. Dely Bezerra de Miranda Santos; revisão final Cassia Maria Mello da Silva, Lena BrasilJ. – 2ed. – Rio de Janeiro; projeto conservação Preventiva em Bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional.2001.

Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1439/1/CAPITULO_PrincipiosArquivisticosConceitoClassifica%C3%A7%C3%A3o.pdf; às 16:00 do dia 05/11/2013

A evolução do arquivo e da arquivologia na perspectiva da história; ano 2010

<http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-arquivo-e-da-arquivologia-na-perspectiva-da-historia/33326/>; às 17:30 do dia 05/11/2013